

MARQUES, Mario Osório. *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: UNIJUÍ, 1993. 126p.

Nos últimos anos, Mario Osório Marques vem surpreendendo seu público leitor com publicações quase que regulares na área da educação. Sabendo que se trata de um autor com mais de 40 anos dedicados ao trabalho de formação de professores na região de Ijuí-

RS, poder-se-ia ter a impressão que seus livros constituem sínteses ou revisões de reflexões feitas ao longo de sua experiência como educador. Mas basta conhecer o Mario Osório, ou algumas de suas publicações, para saber que isto não corresponde à realidade. Seu

espírito desbravador faz com que seu olhar se volte para a frente e para aquelas questões que só as pessoas perfeitamente sintonizadas com sua época são capazes de dimensionar com clareza. Por isso, suas publicações, além de contar com o respaldo de sua história pessoal, resultam de novas e profundas investigações em face dos desafios do presente.

Capaz de mover-se com grande desenvoltura dentro do universo filosófico e pedagógico, Mario Osório situa seus temas no contexto amplo do pensamento humano, buscando compreendê-los em sua origem e desenvolvimento. É notória sua competência de reler e articular autores e tradições, "fazendo-os falar" sobre questões que busca esclarecer. Neste sentido, assume a consciência de uma tarefa hermenêutica, em que a preocupação fundamental já não é a reconstrução fiel do pensamento de um autor em sua respectiva época (tarefa, aliás, impossível), mas em torná-lo atual, com algo a dizer para o nosso tempo.

A discussão acerca do tema do conhecimento tem sido, de alguma

forma, a linha mestra de suas investigações no campo da educação. Para ele, a educação lida, fundamentalmente, com o conhecimento. Conhecimento que não apenas aparece sob a forma de saberes por ela veiculados, mas que se encontra impregnado nas concepções e posturas que caracterizam todo o fazer pedagógico. A pedagogia, enquanto modo de compreender, organizar e conduzir os processos educativos, envolve uma série de conhecimentos (ou pretensões de conhecimento). Daí que para uma abordagem da educação é importante que se esclareça qual o entendimento que se tem acerca de um estado ou episódio caracterizado como sendo de conhecimento. E esse entendimento tem sofrido profundas alterações ao longo dos séculos.

Conhecimento e modernidade em reconstrução percorre os meandros do pensamento filosófico em que distintas concepções de conhecimento surgiram, se impuseram e foram criticadas. Na verdade, trata-se de um esforço em clarificar o alcance e os limites dos paradigmas do conhecimento

que, de alguma forma, condicionaram o desenvolvimento do pensamento humano e da própria sociedade. É à luz da discussão dos paradigmas do conhecimento, ou dos diferentes pressupostos de construção de saberes, que Mario Osório retoma a polêmica acerca da modernidade, uma vez que ela constitui a grande expressão da razão humana, que busca a autoconsciência e o conhecimento da realidade do mundo.

Os desafios da atualidade têm a ver com a crise da modernidade que, por sua vez, tem a ver com a crise do projeto iluminista. Se a construção de um mundo de homens felizes e libertos de quaisquer amarras já não empolga tanto como na época da Ilustração, será que isto significa que temos que descrever a possibilidade de a razão humana orientar nossas vidas no sentido da emancipação? Temos que nos entregar a forças cegas, alheias à nossa vontade, ou podemos manter a pretensão de dirigir nossos destinos? Cremos ou descremos na razão? Qual razão? É sobre este contexto de incertezas que incide a reflexão de Mario

Osório. Uma reflexão que busca desvendar os pressupostos da autocompreensão das diferentes épocas que confluíram para a formação da epocalidade atual.

É nas tradições grega e judaico-cristã que o autor vai buscar as raízes mais remotas do projeto iluminista da modernidade. Com o domínio da tradição grega sobre a judaico-cristã consagra-se o primeiro grande paradigma do conhecimento: o "ontológico, ou metafísico, de ser enquanto ser para sempre, uno e verdadeiro, sendo critério de visão a imutabilidade do objeto visto" (p. 10). Aqui o conhecimento se baseia na idéia de que os objetos "se dão" à consciência, constituindo-a como espelho da realidade.

Ao paradigma ontológico, sucede-se o paradigma em que a consciência passa a operar com idéias claras e distintas, definindo ela mesma as condições de possibilidade da experiência. Afirma-se, então, o ideal iluminista de uma razão plenipotenciária, capaz de desenterrar o destino do homem de toda tirania e superstição. Configura-se, assim, o paradigma

da consciência que conhece e domina os objetos.

"Invertem-se agora as relações entre o sujeito e objeto, com o domínio do sujeito sobre os objetos que ele representa e configura. Conhecer é constituir os objetos que se conhecem. O homem conhece o mundo ao transformá-lo pelos instrumentos materiais e conceituais que elabora. Transforma para conhecer" (p. 11).

A razão iluminista, que projetava a liberdade do homem diante da natureza e das escravidões mutuamente impostas no âmbito da sociedade, se desenvolve de um modo unilateral. Sua dimensão prática, relativa à convivência, acaba subsumindo-se à dimensão instrumental. Com isso, o desenvolvimento da sociedade humana deixa de estar ancorado em critérios ético-morais validados em contextos de discussão política. A esfera sistêmica, dominada pelo dinheiro e pelo poder, coloniza o mundo da vida. E o homem, reduzido à instrumentalidade funcional de um sistema, perde, então, a esperança de ser feliz. Está posta a crise da modernidade

e, com ela, a crise do paradigma da consciência fundadora das idéias claras e distintas.

Desacreditada a razão, enuncia-se uma pós-modernidade que se orientaria "para algo além da razão, para um certo misticismo, para a gnose, para as muitas formas, disseminadas hoje, do antiintelectualismo" (p. 12).

Por outro lado, surge a idéia de uma neomodernidade, ou de uma modernidade a ser reconstruída, a partir de um conceito mais amplo de razão, não redutível à relação instrumental entre sujeito e objeto. Uma razão plural, capaz de dar conta das diferentes dimensões da vida humana, capaz de produzir um equilíbrio não alcançado anteriormente. E é nesta perspectiva que Mario Osório se coloca:

"A reconstrução da modernidade só se pode realizar como reconstrução do saber humano, superando-se o paradigma mentalista, ou da autoconsciência individual, por um paradigma outro: o da intersubjetividade centrada no *medium* universal que é a linguagem pragmática ancorada no mundo da vida sob o primado da Ética, ou da

elucidação da vontade coletiva através da ação comunicativa, isto é, do diálogo da palavra e da ação em permanente abertura à participação de todos em igualdade de condições" (p. 12).

É sob este pano de fundo de uma compreensão crítica da modernidade, baseada na análise das distintas pressuposições que orientam a construção de saberes, que Mario Osório ensaia brevemente,

no final do livro, um excurso sobre a educação nos diferentes paradigmas do conhecimento. Tal excurso ele o retrabalha no artigo "Os paradigmas da educação", publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 73, nº 175, p. 547-565, set./dez. 1992.

José Pedro Boufleuer
Universidade de Ijuí (UNIJUÍ)
Departamento de Pedagogia